



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

GT2 Africanidades e Brasilidades em Educação

**QUILOMBAQUE: ESPAÇO NÃO FORMAL DE EDUCAÇÃO
COMO ESTRATÉGIA E AÇÃO PARA A IMPLEMENTAÇÃO
DA LEI 10.639/03**

Nathália Pereira de Araújo¹

Kassandra da Silva Muniz²

RESUMO: Apesar da obrigatoriedade da Lei 10.639/03, que inclui o ensino da História da África e da Cultura Afro-brasileira no currículo oficial das redes de ensino, presenciamos um currículo eurocêntrico que não contempla as especificidades dos estudantes negros dentro da instituição formal de educação. Neste sentido, a educação em alguns espaços não formais sucede como maneira de otimizar o cumprimento da Lei. Este trabalho tem como objetivo investigar a educação não formal e as relações étnico raciais presente nesses espaços. O cenário específico é a Comunidade Cultural Quilombaque/SP, espaço de refúgio e resistência que, através de um PPP – Projeto Político Pedagógico em movimento, demonstra as sementes plantadas que crescem junto as especificidades dos sujeitos da periferia.

Palavras-Chave: Relações étnico-raciais. Currículo. Educação Não Formal. Comunidade Cultural Quilombaque.

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP); nathalia.ailathan@gmail.com

² Doutora em linguística na área de Pragmática e Estudos Culturais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); professora adjunta do Departamento de Letras da UFOP; kassymuniz@gmail.com



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

O artigo parte da pesquisa de estudo documental na qual foram utilizados trechos do vídeo: Projeto Documentário Comunidade Cultural Quilombaque, trabalho dirigido por Stefanny Rodríguez, assim como o slide da rede periférica que contextualiza a região de Perus e seus colaboradores no projeto Viva Periferia Viva e o Projeto Político Pedagógico (PPP) considerando suas metodologias e experiências para a educação das relações étnico-raciais vivenciadas no espaço não-formal de educação da Comunidade Cultural Quilombaque, as quais visam superar os currículos engessados³ das instituições formais de educação. Os currículos engessados fazem parte das marcas de preconceito social, racial e regional, atitudes fruto da doença do mito da democracia racial posta como se no Brasil todos tivéssemos as mesmas oportunidades indiferente de cor. Esse discurso tem o poder de cegar a população brasileira em relação aos atos discriminatórios, refletindo diretamente na educação e bloqueando que os sujeitos busquem formas de enfrentamento.

Para explicar esse mito, Gomes (2005) diz:

O mito da democracia racial pode ser compreendido, então, como uma corrente ideológica que pretende negar a desigualdade racial entre brancos e negros no Brasil como fruto do racismo, afirmando que existe entre esses dois grupos raciais uma situação de igualdade e de oportunidade e de tratamento. Esse mito pretende, de um lado, perpetuar estereótipos, preconceitos e discriminação construído sobre esse grupo racial. (GOMES, 2005, p. 57)

Colocar essas questões em discussão na escola é primordial, pois admite-se que a escola brasileira exclui do currículo e não reconhece as contribuições das matrizes indígenas e africanas presentes no cotidiano dos educandos. Neste contexto de exclusão, a escola e os educadores servem ao objetivo dos dominadores que é impedir a formação de uma educação que seja libertadora,

³ En.ges.sa.do (*part. de engessar*) adj 1 Branqueado com gesso. 2 Coberto com gesso. (MICHAELIS, 2002, p. 294).



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

autônoma e emancipatória. O currículo mantém uma concepção tradicional, onde o saber é engessado e o educando é condenado como aquele que apenas recebe a transferência de informações. Já ao professor, cabe o papel de opressor que transfere o falso saber. E ao educando cabe o papel passivo, oprimido, depósito.

Segundo Freire (1987):

Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos. Quanto mais se lhes imponha passividade, tanto mais ingenuamente, em lugar de transformar, tendem a adaptar-se ao mundo, à realidade parcializada nos depósitos recebidos. (...) Na verdade, o que pretendem os opressores “é transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime”, e isto para que, melhor adaptando-os a esta situação, melhor os domine (FREIRE, 1987, p. 38)

Como maneira de questionar este fazer pedagógico os movimentos negros indagam a qualidade na educação e a permanência do povo negro nas instituições de ensino, avançando e valorizando os direitos e deveres desses sujeitos. Arroyo (2015) aponta:

Os movimentos sociais apontam a necessidade de serem currículos densos em conhecimento e em cultura, valores. A história dos currículos das escolas tem mostrado que as crianças e adolescentes e jovens-adultos lhes são oferecidos currículos pobres em conhecimentos e em cultura e apenas medíocres em habilidades primaríssimas de leitura-escrita, contas, noções de ciências, porém fartos em bons conselhos moralizantes. Os movimentos sociais, ao lutarem pelo direito ao conhecimento, à



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

cultura, às artes, aos valores, estão a exigir currículos densos na garantia desses direitos (ARROYO, 2015, p. 54).

Uma das lutas dos movimentos negros se deu em 1979, após a constituição do Movimento Negro unificado – MNU e mais recente em 2003 com a aprovação do Parecer CNE/CP/003/2004 do Conselho Nacional de Educação que regulamenta a Lei 10.639/2003, a qual inclui no currículo oficial da Rede de Ensino e nas Universidades a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira. Essa Lei possui uma norma que tem como princípio um comprometimento defendido pelo Estado brasileiro em escala internacional através da “3ª Conferência Mundial contra o Racismo, a discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância”, realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 31 de agosto a 08 de setembro de 2001, na cidade de Durban, África do Sul (MUNANGA, 2005).

Desconstruir ideologias de superioridade e inferioridade das raças é de extrema importância para revitalização da identidade negra, acontece que a escola infelizmente não se preocupa em manter esse diálogo. No entanto, o Parecer nos atenta que “Combater o racismo, trabalhar pelo fim da desigualdade social e racial bem como promover a reeducação das relações étnico-raciais não são tarefas apenas da escola, mas passam por ela.” (BRASIL, 2004.p.14). Realmente a revitalização da identidade negra ultrapassa os muros da escola e pode ser construída em diferentes espaços tendo diferentes agentes da educação não formal. Libâneo (2005) afirma:

De fato, vem se acentuando o poder pedagógico de vários agentes educativos formais e não-formais. Ocorrem ações pedagógicas não apenas na família, na escola, mas também nos meios de comunicação, nos movimentos sociais e outros grupos humanos organizados, em instituições não-escolares. Há intervenção pedagógica na televisão, no rádio, nos jornais, nas revistas, nos quadrinhos, na produção de material informativo, tais



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

como livros didáticos e paradidáticos, enciclopédias, guias de turismo, mapas, vídeos e, também, na criação e elaboração de jogos, brinquedos. (LIBÂNEO, 2005, p. 27).

Os conteúdos curriculares da educação não-formal são flexíveis e adaptados a cada realidade. Deriva-se primeiramente de que a aprendizagem acontece através das práticas sociais pois é a trajetória de vivências que concebe o aprendizado e o conhecimento. É uma educação que possibilita o diálogo, valoriza a importância do outro na constituição do sujeito, ou seja, apresenta grande relevância para o processo de incentivo e transformação da educação para as relações étnico-raciais.

Estes processos estão acontecendo em diferentes espaços de formação cultural, ongs, associações de bairro e projetos sociais, a exemplo da Comunidade Cultural Quilombaque, a qual busca organizar e manter um olhar sistemático no que se refere ao desenvolvimento social e cultural do bairro em que está localizada, articulando e integrando todos os educandos participantes das atividades.

COMUNIDADE CULTURAL QUILOMBAQUE

O Quilombo corresponde as maiores expressões de luta organizada no Brasil, em oposição ao colonialismo, à escravidão e até hoje exerce um papel de resistência coletiva, nesse sentido, a escolha do nome Quilombaque para a comunidade cultural não foi aleatória, é pertinente ao tipo de trabalho que transita entre as relações étnico-raciais e nas ideias de resistência e coletividade assim como nos Quilombos.

A Comunidade Cultural Quilombaque está situada na Travessa Cambaratiba em frente à estação da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM) do bairro de Perus, periferia da cidade de São Paulo, a quarta maior metrópole do



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

mundo com mais de 40 milhões de habitantes. Localizado na região noroeste, é um bairro que cresce junto com a demanda econômica da metrópole e junto a essa demanda cresce a necessidade de cultura, lazer, assistência social e educação.

Pellegrine (2015) apresenta que em 2005 um grupo de três jovens, amigos e moradores do bairro de Perus ensaiavam percussão tendo seus encontros realizados no Parque do Ibirapuera, na cidade de São Paulo. Os encontros passaram a agregar muitas pessoas e logo começam ter divergências com a administração do parque. Os ensaios são interrompidos e como forma de resistência os três amigos passam a se reunir na garagem da casa de um deles no bairro de Perus para dar continuidade aos ensaios. A partir da ajuda de alguns vizinhos e conhecidos, iniciam também oficinas de marchetaria, libras, teatro e redação tomando um plano extenso, o espaço da garagem fica pequeno e logo, no ano de 2007, migram para um espaço maior na Travessa Cambaratiba, atual endereço. Através do trabalho coletivo e parceria com pessoas interessadas no trabalho musical, escrevem um projeto e conquistam o auxílio municipal de Valorização de Iniciativas Culturais –VAI, dando início a uma oficina de percussão na Escola Jairo de Almeida, na ocupação Recanto dos Humildes dentro do distrito de Perus, momento em que o grupo chega a atingir um número de 50 participantes ganhando resistência. O grupo de percussão é formado majoritariamente por jovens educandos negros da periferia e educadores que também são jovens negros e da periferia. Nesse momento, o grupo de percussão intitulado Refúgio na Batida do Tambor passa a ser o carro chefe da Comunidade Cultural Quilombaque e começa a participar e se apresentar em eventos importantes como a Feira Preta, Lançamento do livro do Poeta Negro Carlos Assumpção, Quitutes e Batuques entre outros.

Essa ampliação passa agregar novos sujeitos, novos frequentadores, em sua maioria do bairro Perus. A comunidade encontra-se na periferia, apesar disso, não está isolada, mantém-se ativa em eventos realizados no centro da cidade de São Paulo, fato que retoma a autoestima para o empoderamento dos jovens



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

frequentadores da Quilombaque. Os movimentos periféricos, a arte periférica, a cultura periférica, os sujeitos periféricos ocupam e se reinventam nas periferias, não querem ficar às margens, querem manter relações e dialogar com outras movimentações.

O engajamento político dos educadores e educandos da Quilombaque cresce na medida em que iniciam as trocas e as discussões com outros coletivos culturais da Região, assim como uma atuação nas ocupações e movimentações contra a higienização e a policialização social do bairro, Movimento Estudantil, Associação dos Alunos do cursinho da Poli, Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) entre tantos outros.

Compreende-se que esse olhar, sistemático e vinculado a agentes de múltiplos lugares ligados por um espaço não formal em comum, permite uma potente transformação para a juventude, para a periferia, para a cultura e para o conhecimento. Desloca a imagem identitária estigmatizada das periferias e dos sujeitos que residem nelas através das atividades e metodologias propostas em um PPP mais vivo, caracterizando um momento de engajamento político da Comunidade junto aos jovens do bairro.

A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Hoje no Brasil embasado nos dados do IBGE 2010, a juventude brasileira em números chegam a 51 milhões de jovens entre 15 e 29 anos, 26% da população. Quando frisamos um desenho baseado em raça/cor os números passam a ser consideráveis. De 26% dos jovens no Brasil, 53,59% se declaram negros, ou seja, 27.511.695, conforme o IBGE-2010. Essa quantidade de jovens negros tem como território concentrado as periferias, principal mira da violência que marca na cor da pele o genocídio da população negra. De acordo com o recente levantamento feito pela Anistia Internacional no Brasil, 56 mil pessoas foram assassinadas em solo brasileiro em 2012, sendo 30 mil jovens e, entre estes, 77% negros. Portanto, é inevitável que os objetivos manifestos no PPP e



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

no Plano de Desenvolvimento da comunidade cultural Quilombaque expressem um olhar sistemático voltado para eficazes transformações na vida desses jovens moradores das periferias.

Dar atenção à voz dos frequentadores implica dar significado para as relações e transformações estabelecidas na Quilombaque assim como para as identidades que são revitalizadas e reforçadas por meio das vozes e pontos de vista dos jovens frequentadores. Betty uma das jovens frequentadoras da Comunidade, participa junto de seus 3 filhos:

Sou mãe do Kenedy, da Aisha, do Said, moro em Perus tem um ano e meio (...) O pessoal aqui é muito gente fina e abraçaram eles, **abriram a porta pra eles da Quilombaque pra ta apresentando, conhecendo o pessoal, o Jongo também que eles gostaram.** Com isso eles acabaram me conquistando essa turma maravilhosa que é o pessoal aqui da Comunidade. E hoje eu to aqui fraternizando com eles (...) E o Jongo também to participando né? O kenedy e a Aisha né, eles só falam em Jongo a semana inteira, sempre estão produzindo musica né? E eu mesmo acabo acompanhando eles na produção da música deles, tentam fazer música em cima da música que eles já escutam aqui. Kenedy Tem 9 anos e Aisha tem 7 e o Said tem 2 aninhos só e também já tá no tambor, Kenedy aprendeu. A Aisha tá massa também e me ensinaram a tocar tambor. O Quilombaque da pra ver que ele traz. **Eu aqui na minha barraca muitas pessoas param e perguntam “que é aquela dança?” e muitas pergunta “que macumba é aquela?” Não, não é macumba é uma dança dos escravos comunicarem! E é uma forma de ta apresentando para a comunidade em geral, ta trazendo a cultura, a história do nosso Brasil, da nossa cultura mesmo.** O caminho é esse mesmo e abrir as portas para os projetos (Betty, 2014, VIDEO DOCUMENTÁRIO)



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Ao receberem a família de Betty, os educadores abriram as portas da Quilombaque, lugar que agrega as trocas de experiências, espaço onde todos se sentem bem. As atividades de Jongo acontecem todas as terças-feiras na Praça Inácio Dias, local próximo a Comunidade Cultural Quilombaque. Podemos observar na fala de Betty, o conhecimento adquirido por ela sobre Jongo e o reconhecimento da mesma no sentido de motivar e propagar o conhecimento da cultura negra no bairro. Dessa forma, afirmamos que um currículo que educa para as relações étnico raciais, assegura o intercâmbio de relações tornando possível a construção da identidade de jovens negros da periferia. Gomes (2010) diz que currículo não se fecha às ideias e princípios, mas a conhecimentos e práticas precisas formadas por indivíduos concretos, concentrados em relações de poder. Realidade presente na estrutura do PPP da Quilombaque, pois garante relações de respeito e valorização das especificidades do afrodescendente, bem como a possibilidade de analisar de forma crítica a realidade social a que estão inseridos os jovens da periferia. A voz da moradora Cris reforça:

Eu cheguei na Quilombaque através de um projeto de marchetaria que é trabalho com madeira. Eu achei um espaço bem acolhedor. **Independente de sexo, cor, raça**, independente e aí eu gostei do lugar (CRIS, 2014. VIDEO DOCUMENTÁRIO).

Percebe-se a Quilombaque como um espaço de refúgio para aqueles que são fruto da diversidade fenotípica afrodescendente⁴ no território brasileiro e do mito da democracia racial buscando construir caminhos para contestar essa história mal contada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁴ Diversidade fenotípica afrodescendente é um termo que vem substituir o termo mestiçagem, o qual é embasado pelo mito da democracia racial que não leva em consideração as tensões e os conflitos no processo de constituição das nações que escravizaram o povo africano.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Pontuando periferia, espaço não formal de educação e relações étnico-raciais, a comunidade cultural Quilombaque por ser um espaço mais dinâmico, de refúgio, de resistência e empoderamento, concede uma educação inclusiva permitindo que as pessoas se abracem, se identifiquem umas as outras para, assim, reconstruírem suas identidades negras e periféricas. Torna-se assim um espaço com potência para a implementação da lei 10.639/03 visto que as instituições formais são insuficientes para cumpri-la. Entretanto, existem poucas pesquisas em espaços não-formais de educação e questões étnico raciais. Esse é um espaço que necessita de mais pesquisas que apontem por exemplo para o intercâmbio entre educação não-formal e educação formal como meio de otimizar e dinamizar os currículos engessados no que tange a educação para as relações étnico raciais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ARROYO, Miguel G. **Os Movimentos Sociais e a Construção de Novos Currículos.** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP003/2004. Brasília: MEC, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ªed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil:** uma breve discussão – In: BRASIL. Educação Anti-racista. Caminhos abertos pela Lei Federal 10.639/03. SECAD, 2005.

IBGE. Disponível em < <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=sp>>
Acesso em Julho de 2016.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e Pedagogos, para quê.** São Paulo, Cortez, 2005.

MICHAELIS: dicionário escolar língua portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2002.

MUNANGA, Kabengele (org). **Superando o Racismo na Escola.** 2ª edição. Brasília: Ministério da educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

PELLEGRI, Andréa L.T. **Memória da Quebrada.** 1 ed. Novas Edições Acadêmicas, 2015.